

Dívida Externa Pagar ou não pagar, eis a questão

Getulio Bittencourt *

Enquanto os jornalistas aguardam pelos negociadores da dívida externa do Brasil, sob o edifí-



cio da Sherman & Sterling, na avenida Lexington, uma veterana repórter norte-americana comenta que o Brasil vai acabar pagando seus credores. No Primeiro Mundo não se admite mais, mesmo no caso de uma pessoa que já cruzou a barreira dos 60 anos de idade, que um devedor não honre sua assinatura.

Mas o Primeiro Mundo é formado hoje por países como os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão — que por sinal são os mais ricos entre eles. E todos esses países têm uma longa e nem sempre edificante história atrás de si. Os Estados Unidos são conhecidos por terem criado o primeiro cartel de devedores no século XIX, quando vários governadores de estado se juntaram para repudiar suas dívidas externas.

Vários desses estados norte-americanos não pagaram suas dívidas, como é o caso do Mississipi, que hoje está próspero e é um dos estados menos endividados da Federação. Mas os banqueiros do século passado, como os Rothschild, tinham uma opinião mais severa sobre os norte-americanos do que os credores contemporâneos têm sobre os brasileiros.

A Alemanha é conhecida por sua moratória da dívida externa, criada pelas “reparações” da Primeira Guerra Mundial, em 1933. Stephen Schuker mostrou

em recente livro sobre o tema que a Alemanha suspendeu os pagamentos, não porque não pudesse arcar com eles, mas por razões de política interna. Era politicamente preferível usar os recursos em investimentos no país do que em pagamentos aos credores.

O Japão, durante os primeiros trinta anos que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial, ficou conhecido pela reprodução de tecnologias estrangeiras, que os norte-americanos freqüentemente classificaram de “furto” puro e simples. Os credores, especialmente os mais ricos entre eles, são, portanto, gente tão honesta como a brasileira.

O que distingue os brasileiros, nesse caso, é que a maioria da população, até o final da década de 80, era a favor do pagamento dessa dívida externa, ao contrário do que imaginam os políticos. Pesquisas mais recentes sugerem que a população continua a apoiar o pagamento da dívida, porém com alguns reparos: o povo quer saber como esse dinheiro foi usado.

O falecido presidente Tancredo Neves reconhecia que no Brasil, por mais que tenham desviado o dinheiro da dívida, os governos militares de fato fizeram algo com ele — o sistema de comunicações, as hidrelétricas como Itaipu, os metrô de São Paulo e Rio. É de fato muito mais difícil ver onde os militares argentinos puseram o dinheiro de sua dívida externa. Pode-se apenas supor que boa parte dele foi queimada nas armas usadas na guerra das Malvinas.

*Correspondente deste jornal em Nova York.